ANO II — Lisboa — Quarta-feira, 28 de Agosto de 1918 — N.º 452

Pola:fer:e

pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO — "MONARQUIA" — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
António Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e typografia
R. de S. Paulo, 60

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João R. Santos

Telefone: C. 1933

Quatro anos depois

Quatro anos depois de declarada a guerra,—é justo que a nós mesmos perguntemos se do tremendo conflito, sempre suspenso no campo das batalhas, alguma conclusão já haverá a tirar. Dia a dia, hora a hora, a face da Europa tem-se modificado. E quasi insensivelmente essa modificação não abrange já só as suas linhas fisionomicas. Desce mais fundo, ao ponto de alterar e transformar por completo as bases sociaes em que durante um seculo tranquilamente nos repousámos, preparando de longe, no illusionismo das abstracções anarquisadoras, o crepusculo de sangue e de fogo em que parece subverter-se quasi uma civilisação inteira.

E' a guerra um laboratorio e uma purgação. Dela costuma sair sempre renascida a alma eterna dos povos, acordada para o exercicio das suas antigas virtudes. Quando a prosperidade das nações se traduz apenas no bem-estar material, a guerra surge inevitavelmente para restituir ao predominio aquele espirito de sacrificio e aquela aceitação corajosa da disciplina em que a sociedade encontra os seus mais fortes motivos de viver.

Conhece-se a apologia que a Proudhon mereceu a guerra como força purificadora dos individuos e das colectividades. Toma a guerra nestes termos um sentido mistico,—o sentido *oculto* da tragedia grega, com a Fatalidade apertando no seu anel durissimo a curva larga do Universo. Dobremo-nos ao vento da desgraça em que a Europa se desfaz na mais impetuosa de todas as insanias! A ultima palavra,—a palavra definitiva, não pertencerá nem ás razões do acaso nem ás razões do comando. Arrastamo nos num mundo de dissolução,—num mundo que a si proprio se condemna. A guerra não é mais que a lei natural da harmonia impondo-se a uma civilisação já caduca, embora brilhante.

Enquanto não restaurarmos as condições normaes da vida, a guerra não deixará de pesar sobre as nossas cabeças como a intervenção de Deus que castiga, mas que redime.

Se nós pensamos em retomar o curso ordinario da existencia no mesmo pé em que ela se desenrolava antes de declarada a guerra, enganamo-nos,—e enganam-se profundamente os que suppõem na paz a conquista dum regresso a esse passado de tão quatro annos, de que nos separa um abismo e que nunca mais voltará.

Consequencia duma falsa organisação economica e politica, a guerra veiu precisamente denunciar nos as causas da perturbação constante em que a Europa debaixo duma aparencia de riqueza e ventura ia engendrando a catastrofe que lhe apressaria a ruina e talvez o fim da sua preponderancia. Abusámos do amor do lucro e do esplendor do oiro. Civilização materialista, a nossa civilização, na sua febre a cem graus, levou-nos quasi a um epilogo identico ao do Imperio Romano. Desassistidos inteiramente dum robusto e coesivo principio moral, nós morremos vitimas da cupidez e do luxo, da paixão exaustiva do ganho e da insensibilidade manifesta do coração.

Os excessos do individualismo acarretaram comsigo a organização da sociedade que nós expiamos tão duramente na carne da nossa carne, no sangue do nosso sangue. Insuspeito pela sua formação intellectual, Guglielmo Ferrero compara o progresso do mundo moderno á corrupção da Roma classica. E a proposito recorda a passagem celebre de Tito Livio. «Quando era pobre e pequena, Roma fôra na sua origem um exemplo unico de todas as virtudes; corrompeu-se depois, degenerando e apodrecendo no meio de todos os vicios; e a pouco e pouco chegámos ao estado actual em que nós não podemos suportar nem os males de que soffremos, nem os remedios de que precisamos para nos curar. «Nec vitia nostra, nec remedia parti possumus.» Singular definição a do historiador latino, em que a nossa sociedade se contempla e reproduz no mais fiel dos retratos! Diagnosticamos igualmente, como o romano da decadencia, o cancro que nos roe, mas não nos atrevemos a extirpa-lo, repartidos entre o duplo terror da agonia que nos aguarda e da provação que seria imperioso affrontar se nos quizessemos resgatar ainda a tempo. E assim, no mais dramatico dos conflitos, abandonamo nos á marcha cega dos acontecimentos, como Edipo caminhando debaixo da dureza inflexivel do Destino.

Ha a verificar, na verdade, que a Europa attingiu no giro da historia um periodo extremo de crise, de que só uma devolução sensivel ás regras coordenadoras da tradição a conseguirá por ventura arrancar. Proclamam-n'o de todos os lados as inteligencias avisadas a quem não escapa o trama occulto do terrivel duello colectivo em que nos debatemos.

A hipertrofia do Estado que conduz a Alemanha á aspiração da Monarquia universal o que é senão o mesmo sonho vesanico que da parte de cá das trincheiras illude o alcance da guerra, fazendo o servir a victoria mais que hipotetica duma hipotetica democracia para uso de toda a humanidade? A' raiz, descobre-se bem caracterisada, duma banda e doutra, essa noção pagã do Numero e da Força, alheia ás realidades mais immediatas, cuidando somente em se dilatar e affirmar, na violação de quantas normas e de quantos limites a verdadeira felicidade dos povos exige para sua garantia legitima. Na falencia estrondosa das mil e uma ideologias apregoadas ao longo do seculo que findou,—a ideologia da Sciencia, a ideologia do Progresso, a ideologia da Liberdade, é ainda Ferrero quem se interroga num sobresaltado inquerito ás circunstancias presentes, ao ver pelo chão, escavacada a torre de Orgulho com que a vaidade dos homens julgou por uns breves instantes repetir a scena mitologica dos titans escalando as alturas interditas do Misterio.

«Mas quem sabe? Talvez que esse feliz momento não durasse sempre, porque a hora viria naturalmente em que os homens haviam de experimentar de novo a necessidade da antiga sabedoria, da antiga prudencia. Seja ao menos permitido a filosofo e a um historiador perguntar se esta soberba, mas desvairada liberdade, que nós desfrutamos, convem a todos os tempos, ou unicamente áqueles em que as nações, nascendo, podem achar no seu berço, como a America o achou no dela, um pequeno dote de nove milhões de quilometros quadrados ainda por explorar.» Eis, como em meia duzia de palavras, Ferrero coloca angustiosamente o problema, não escondendo a desilusão amarga em que abala, sorrindo, mais duma ficção generosa da sua mentalidade de liberalista ardente e sincero. A civilização,—a verdadeira, a salutar, apparece-nos assim, na razão inversa do individualismo e em proporção directa com a *disciplina*, se, de causa fecunda do desenvolvimento social, a não desejamos tornada numa fonte de desordem permanente e irreparavel.

Fonte de desordem, na sua feição acentuadamente materialista, o que é a civilização contemporanea, cujos beneficios, pela ambição desenfreada e pelos interesses mais espessos e mais grosseiros, a guerra actual ai nos está acusando? Ninguem melhor a simbolisou de que o Renan do *L'avenir de la science*, ao exprimir o monstruoso voto de que num futuro bem proximo os sabios viessem a dominar olimpicamente as multidões pelo terror dos seus infinitos recursos scientificos.

A sciencia empregada fria e sistematicamente como meio de destruição, se em Renan não passou duma cinica abstracção de sofista, é hoje, deante dos nossos olhos e nos espetaculos quotidianos da guerra o desfecho sem nome duma civilisação que, pela embriaguez de sua loucura se esqueceu de todo da triste instabilidade das coisas humanas. Julgando-nos vencedores da Materia, somos pelo contrario os seus escravos miseraveis. Levantámos aranhiços de aço,—no silencio dos gabinetes descobriram-se as formulas mais inesperadas, as mais inesperadas combinações. Pois bem! Quando o homem não tardaria a proclamar-se o imperador do Mundo, o dominador da Natureza, o aço que ele domara, os elementos que a sua mão fechava e conduzia no espaço extricto duma retorta, revoltam-se de subito, ao som da gargalhada sinistra de Mefistofeles, e despedaçam, esfacelam, pulverisam o inebriado triunfador da vespera.

Sciencia sem consciencia é a mais execravel de todas as tiranias. Nós the padecemos o jugo de ferro, porque não quizemos ouvir o conselho prudente do Ecclesiastes que foi Rei em Jerusalem. Atraz das promessas mentirosas dum estreito ideal optimista só cuidamos do prazer e da riqueza, na persuasão ingenua de que era a marcha do Progresso que nós acompanhavamos. Mas nunca os instintos bateram mais fortes, dentro de nós, nunca na escuridão das criptas ancestraes o gorila agúcou com mais apetite os dentes anciosos de carnagem! Olvidamos as verdades eternas. E, na infantil libertação dos nossos espiritos, mandaram em nós os mitos mais abominantes, as mais desprezeis superstições. Como em Roma antigamente, os barbaros não demoraram ensombrara com as suas figuras de pesadelo a elegancia rara de Petronio abrindo as veias desdenhosamente, emquanto devagar floriam as verbenas..

Concordemos que Ferrero tinha razão, recordando a velha passegem de Tito Livio :—*nec vitia nostra, nec remedia pati possumus!* O parallelo é perfeito entre as duas epocas da historia. Deixou lembrança de si uma certa Sollia Paolina só porque, segundo o classico, em joias e outros objectos de adorno possuia mais dum milhão. Quantas Sollias Paolinas não enxameiam a carcassa perfumada da nossa sociedade que se abraza num diluvio de chamas, sem que na carreira doida da perdição o luxo se sacrifique á fome e o oiro encontre na caridade os seus direitos de soberania?! E Ferrero repara que, o desenvolvimento da riqueza acarreta invariavelmente um acréscimo proporcional de exigencias e de insatisfações.

Ao desiquilibrio que resulta deste fenómeno de ordem social e moral chamavam os doutro tempo *corrupção, degradação dos costumes*. Opostamente, nós, os de hoje, chamamos-lhes *prosperidade, civilização, progresso*. Na luta brava da concorrencia e do ganho, surge com a diminuição assustadora do caracter o exgotamento, a neurastenia, o suicidio, denunciando o cansaço da vontade e a impossibilidade crescente do espirito em se sobrepor ao frenesim que nos arrasta e envolve nas suas espiras fataes. Horacio fala de semelhante estado da alma, especie de nervosismo exasperado que nada contem nem nada apazigua. «*Strenua inertia*», inercia agitada, ou agitação baldada, é como o poeta o designa, na concisão admiravel da sua lingua materna. A mesma «*Strenua inertia*»,—mal do seculo, dôr de viver, nos toca de perto a todos, oferecendo-nos em holocausto á Nemésis tremenda da Fabula, agora resurgida no romance de Paul Bourget como a parte que em reparação cada um de nós deve á harmonia sagrada do universo.

Ateiada pela nossa insensatez, eis como a guerra nasceu. Nasceu da vaidade e da cubiça dos homens, é certo. Mas muito mais do que a vaidade e a cubiça, desencadeiou-a a ausencia absoluta da lei moral. A aproximação que Ferrero,—o historiador insigne de Roma, estabeleceu entre o agonisar do Imperio e a agonia lenta duma civilisação que imaginavamos immorredoira, é o unico e definivo comentario a acrescentar a quatro anos de convulsões fratricidas, com a Europa lavrada de alto a baixo pela charrua infatigavel da Morte. Não nos cancemos a formular nem outra resposta nem outra conclusão a quantos, desvairados pela disparidade aparente dos factos, persistem ainda em considerar a guerra como longa de attingir o seu verdadeiro e rigoroso significado,

Interpretem-n'a como o desflagrar incarniçado de simples imperialismos economicos. Entendam-n'a muitos como o embate de culturas hostis ou de raças secularmente antagonicas. Talvez juizos esses em que o aspecto apaixonado da questão prevalece pretenciosamente sobre a sua unidade profunda.

Como Proudhon a viu e comprehendeu, a guerra é sempre a justiça violada que intervem quando menos se espera. A guerra actual descendo de concepção proudoniana, representa a victoria do *Sublime* como sociedade que se abastardara nas baixezas do optimismo mais baixo e mais degradante. Perdido o equilibrio do mundo, é um mundo novo que dolorosamente se gera. Gera-se na dôr, porque o outro, —este a que pertencemos, se suicidou no prazer. O espectro de Roma adeja na noite immensa. E na noite immensa a lei moral desperta, personificada na Cruz.

Só o christianismo está de pé no desabar total da catastrofe. Na queda do Imperio a Cruz lhe recebeu o testamento e lhe santificou a herança. As duas épocas abraçam-se, quasi se confundem. E como ha mil e tantos annos a semente do resgate saía das catacumbas, tambem ela hoje parece sair dessas novas catacumbas,—as trincheiras. Tal é o sentido da guerra, na sua essencia transcendente e profunda. São os direitos da alma que se recuperam da idolatria abominavel do Bezerro-de-oiro. Possa a civilisação restaurar-se nos seus fundamentos e o reino de Deus de boa vontade se dará a conhecer aos homens sobre a terra!

Antonio Sardinha

COMENTARIOS

Olhem que esperanças...

O sr. Mayer Garção diz no seu fundo que esta guerra é apenas feita para se conseguir *um novo progresso da Liberdade*.

Um progresso da Liberdade?... Ah! sim!

Dantes era a guilhotina! Depois da guerra provavelmente será—a cadeira electrica...

«Auctoridade» á democratica

O sr. José Sarmento quer dar-nos a entender que sobre os alicerces do *espectaculo grandioso e de uma beleza auroral* que dic serem "Os Minciros" se podem "construir os principios austeros e intangiveis da *auctoridade*."

O que vale é que o sr. Sarmento diz estas cousas para a gente se rir. Porque, resimente, achar *beleza auroral* na apoteose do crime é assim um pouco forte...

«O Mnndo» e a fome

O orgão do sr. Afonso Costa afirma horripilado que se «agrava vertiginosamente o custo da vida». Não nos dá «O Mundo» nenhuma novidade. Mas, o que não tem é autoridade moral para acusar ninguem, ele que foi o orgão dos governos que nos levaram a este estado, ele que defendeu a infame «negociata» com a Furn-ss e todos os actos incompetentes e criminosos da gente do seu partido que foi o principal propulsor do imenso cataclismo que se avizinha!

Nós que sempre combatemos essas ineptas medidas, podemos continuar acusando quem proceder mal—e não os pouparemos...

Agora «O Mundo», não!...

O sr. Machado Santos e o cão do inglês...

O pae «desta coisa» anda com muito pouca sorte. Imaginem que, segundo conta «O Janeiro», anda agora envolvido num processo movido por um inglês, que lê o «Times» e tem um cão, a quem o sr. Machado Santos quiz desancar com um pau de vassoura, levando-o depois para a esquadra...

Estamos a ver que este caso inda nos dá uma ruptura de aliança...!

Ora não era melhor que o sr. Machado Santos sempre tivesse ido «cavar batatas»?...

O mal é do regimen!

O sr. José Barbosa diz na «Lucta» que a «republica nova» falliu por o sr. Sidonio Paes «se esquecer de que era um politico e um partidario, pretendendo absurdamente pôr-se acima dos partidos e fóra da politica.»

Ora a verdade manda dizer que não é bem assim.

A republica falliu exactamente por o sr. Sidonio Paes querer fazer uma politica de partido pretendendo pôr o seu sobre todos os outros.

De resto, a «Lucta» mesmo concorda que seria absurdo pretender um presidente de republica pôr-se acima dos partidos e independente deles. Numa republica, padecendo sempre do mal de origem, jamais o chefe de Estado poderia faze-lo.

Só na monarquia que nós defendemos, o Rei, independente e superior ás classes e aos partidos pode orientar utilmente todos os esforços para o bem comum.

E por sabermos que só assim Portugal pode voltar a ser grande é que nós temos armas «pela Monarquia»—que o mesmo é dizer «pela Patria!

Esclarecendo...

«A Situação» no seu fundo de hoje parece dar a entender que os monarquicos estão quasi integrados na republica, fazendo apenas opposição «platonica» e limitando-se a discutir o D. João VI.

Ora, «A Situação» sabe perfeitamente que só o facto de, obedecendo ás instrucções d'El-Rei, não querermos contribuir para a fogueira em que poderá arder, não um regimen, mas uma Patria, é que faz com que, «actualmente», não façamos triunfar as nossas aspirações de bons Portuguezes.

Fique-o sabendo «A Situação», fiquem-no sabendo todos!—se os monarquicos não querem sugeitar o paiz aos riscos duma nova revolução, é apenas por patriotismo e não porque tenha esmorecido a nossa convicção de que «só a monarquia poderá salvar Portugal»!...

A vertigem...

O sr. Sarmento chama á marcha da Democracia *uma vertigem*.

Vertigem que a leva aceleradamente para o abismo inglorio dos artificios desfeitos!...

O Libelo...

A gazeta de S. Roque transcreve o depoimento do sr. Gomes da Costa, dizendo que ha nele *notas verdadeiramente interessantes*, e procurando atacar com ela a situação creada em *8 de Dezembro*.

Não nos compete a nós defende-la, mas em todo o caso, sempre iremos dizendo ao *Mundo* que se está fritando em vida, pois o artigo do sr. Gomes da Costa é o mais formidavel libelo contra a maneira como os *emprezarios da guerra* organisaram, (ou antes, *desorganisaram*) os contigentes que enviaram a morrer em França.

Leia o *Mundo* com atenção, e verá como é verdade o que lhe dizemos!

E para a outra vez, não se espete como desta!...

Deitando o anzol...

As gazetas jacobinas continuam cantando odes aos sargentos—na mira tentadora de que eles lhes paguem com a vida as amabilidades...

Descansem, porém! Os sargentos, como membros respeitaveis do exercito, desde que cumpram o seu dever, não são nem quererão ser jámais—o que seria uma indignidade—meros instrumentos de negocistas e de crimes.

Os sargentos estão ali para defender a Patria—e nunca para defenderem um partido!...

Até os amigos!...

Referindo-se á grotesca figura do *cidadão* Cunha e Costa, diz *A Montanha* que ele ainda não desistiu de vir a ser secretario do sr. Sidonio Paes.

Pobre mumia de orador grotesco! Nem os correligionarios se poupam!...

Expediente

Avisamos os nossos estimados assinantes de que vamos mandar á cobrança os recibos das suas assinaturas, rogando a especial fineza de satisfazerem as importancias aos mesmos o acto da apresentação, para nos evitar novas despezas de cobrança.

José de Azevedo e Moura

De passagem por Lisboa, deu-nos o prazer da sua visita este nosso prezado correligionario.

Filiado no Integralismo, o senhor Azevedo e Moura, como empregado do Commercio que é, dá uma prova mais de que só a Monarquia é capaz de dar vitalidade ás aspirações operarias,—quando orientadas em bom sentido.

Agradecemos ao senhor Azevedo e Moura a gentileza da sua visita.

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

«Cruzeiro do Sul»

Com este titulo, encetou a sua publicação em Olhão, um novo semanario que se apresenta muito bem redigido, sob a direcção do sr. Raul de Pousão Ramos.

No seu primeiro numero teve a amabilidade de transcrever o que aqui dissémos sobre o Dr. João Lucio, por occasião da morte do seu encantador filhinho.

Com os nossos agradecimentos, os mais sinceros desejos duma longa vida.

Ler amanhã

"Politique D'Abord!"

editorial de Armando da Silva

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Diziamos nós ontem na nossa cronica, que, se Foch conseguir até ao inicio da estação invernosa, desfazer por completo o «saliente de Montdidier, muito terá já elle feito a bem da sua terra e da C.ªusa Aliada.

E não nos enganavamos nos, porque já hoje o *Figaro*, noticiando a reabertura á circulação de passageiros da linha Paris-Amiens — Albert — Saint-Omer—Calais, diz que «esta noticia tem grande importancia sob o ponto de vista do restabelecimento da vida economica da região do Norte».

Tem-na, sem duvida, não só sob o ponto de vista economico da região citada mas tambem sob o essencialissimo ponto de vista técnico do deslocamento de tropas sobre o campo de batalha.

Sob qualquer desses aspectos a noticia do «arejamento» de Amiens deve encher de jubilo os francezes, porque de acto os trajectos ferro-viarios, até aqui levados a efeito, desde 21 de março principalmente pela linha costeira Paris—Rouen—Dieppe — Tréfort — Abbeville — Boulogne, ficam agora muito mais reduzidos.

E' isto claramente que é importantissimo. Até se na realidade a marcha concentrica de Fayolle, com os exercitos Maudigin, Degontes, De Mitry e Berthelot, teve grande efeito sob o ponto de vista da moral das tropas — o arranco de 7 d'Agosto de Haig com Rawlinton e Debeney a leste e a nordeste de Amiens e posteriormente o movimento de Maugin sobre Lassigny, «vers Noyon», deve a nosso ver assumir as proporções de verdadeiro fecho de manobra, delineada sem duvida por Foch naquele celebre conselho de generais a que ele presidiu e a que assistiram Haig, por parte dos inglezes, Pershing representando os americanos, e Pétain, generalissimo dos exercitos francezes.

Afestou-se com efeito e com rara habilidade a eminencia do perigo de Paris e permittiu se alem disso o restabelecimento das communicações ao longo da frente da batalha, que já hoje se pode considerar «rectificada» desde a Argonne, onde opéra Gouraud a Arras onde avançam os soldados inglezes de Byng, que hoje os jornaes dão como ocupando Bapaume.

Recordamo-nos perfeitamente de, logo naqueles primeiros dias que sucederam ao esmagamento do 5.º exercito inglez, de Gough em Ham e Peronne, e depois no arranco de Von Boehn sobre o Marne em 27 de maio, termos apontado este grande perigo para os aliados.

Pois agora são os proprios jornaes francezes que vem radiantes por esse pesadelo desfeito, e tem razão, porque todo e qualquer deslocamento se pode actualmente fazer com toda a segurança de Nancy e Verdun, a Chalons, a Soisson, a Paris e a Compiegne e daqui a Amiens a entroncar na já citada via Perie—Calais. Não é pouco: é muito, é muitissimo!

Sabemos muito bem que nem só razões de ordem militar levaram o governo francez a conferir o «Baton de Commandement» a Foch. Outras se impozeram a par destas. Umas de ordem moral (aqueles imponderaveis e essenciaes factores morais, que são «quasi tudo» na guerra!) pois tornava-se indispensavel dar «desde logo» ás tropas aliadas — principalmente ás francezas—a impressão de uma victoria indiscutivel e definitiva sobre o inimigo.

E nós explicamos o motivo porque especialisamos «as tropas francezas». Digam o que disserem os cronistas, os americanos de Pershing não estão ainda em estado de trabalhar isolados em primeira linha contra os soldados guerreiros e treinados dos Imperios Centraes.

Dizemo-lo com a maior imparcialidade e sem o mais leve sentimento de desprimor para com as tropas «yankees», que na realidade se teem apresentado aguerridas e bravas no fogo.

Mas «ser aguerrido e ser bravo» numa batalha com as responsabilidades desta, que se vem travando desde 18 de julho... é relativamente pouco. Precisa-se de coesão nas horas que podem ser boas e podem ser más. E o alto comando aliado assim o compreendeu intercalando, por assim dizer, «amalgamando» as unidades americanas (quando muito divisões) num fortissimo «enquadramento francez». Isto depois ainda, com o Republico, o predominio duma cligarquia desenfreada,—não serão exemplos frisantes?

Não foi com a instauração dessas tres modalidades politicas que sucessivamente nos foram retiradas todas as liberdades e garantias de que dispunhamos outr'ora.

Não foi ainda com a instauração da ultima das tres que a desordem se desenvolveu e atingiu o seu zenith?

III—A profecia de Fialho

Sim! a ordem em Portugal está socialmente alterada de ha muito tempo. A ordem publica desde 20 que vem sendo cada vez mais pervertida:—e não será a republica o ponto movimo a que poderá subir essa alteração da ordem?

Nós afirmamos que sim. Afastados que fomos da estructura historica da nossa Nacionalidade, nós temos hoje que nos vermos a braços com uma aterradora crise organica.

Não são, porém, as panacéias democraticas, os geometrismos politicos dos homens da Revolução que nos poderão vir salvar, depois de nos terem arrastado á beira do abismo. O que nos poderá salvar é o regresso ás nossas instituições tradicionaes, á monarquia anti-parlamentar, descentralisadora e consequentemente «liberal», que o genio portuguez criou e que, unida á cruz de Cristo nos elevou ás culminancias da civilisação...

A obra nefasta, a mentira grosseirissima da «Liberdade» estão-se revelando magnificamente na Russia, onde se passou do autocratismo severo de um homem para a ferocidade brutal de uma multidão, já de si propensa para os delirios duma imaginação vaga, e depois iniciada nas ideologias perversas da Revolução Franceza.

«...Afinal, ainda existe a Russia?»—pergunta a «Manhã».—Não, respondemos nós: A Russia só foi a Russia emquanto nela prevaleceu um espirito d'ordem e de disciplina, garantido pela existencia dum Imperador que, para fazer a sua felicidade, necessitava fazer feliz a Nação que governava.

Derribado o Imperio, desterrado ou assassinado o Imperador, a Russia não é mais a Russia: é um aglomerado de multidões desvairadas, bebedas de sangue, com sede de vinganças e de represalias, onde os odios se entrechocam e ferem.

Marcel Sembat escreveu algures que as democracias tendem a substituir as lutas externas de expansão pelas lutas internas de partido. A verdade formulada por este republicano está dando desgraçadas provas na Russia. A Russia agoniza, a Russia desfaz-se, a Russia pulveriza-se,—se não sobe novamente acima de todas as paixões agitadas, de todos os odios entrechocados, de todos os instintos ferozes postos á vontade, a força energica do Imperio, a vontade potente dum Imperador.

Taes são os effeitos da «Liberdade», da «Egualdade» e da «Fraternidade» em qualquer parte onde conseguem inocular-se e mover-se. Nós temo-las em Portugal, consubstanciadas na mascarada duma republica conservadora. E em face da lição da Russia, não nos esqueçamos de evitar que o povo, farto de ser calcado, grite para lá da fronteira a profecia que Fialho lhe emprestou.

—Livrae-me dest' canalha que me faz odiosa a Liberdade, que em troca aqui vos ofereço a minha servidão!

Augusto da Costa.

POLITICA

I — Uma intergogação: «afinal, existe a Russia?»

E' assim que a «Manhã» d'hoje fecha um comentario sobre aquele desventurado paiz, onde a fatalidade entrou envolta nas roupagens sangrentas dos Imortaes Principios.

Convenhâmos em que o jornal republicano da manhã, onde pontifica o mais integerrimo sonhador dos jornalistas portuguezes, tem razão. A pergunta vem a proposito. Mas perguntémos porque só hoje os republicanos fazem semelhante per.unta, quando nós a formulámos logo em Março de 1917, quando as primeiras noticias da enorme catastrofe chegaram a Portugal!...

Ah! não se illudam os democratas que pensam como o senhor Mayer Garção! Os reaccionarios tinham razão quando aqui affirmaram que a Russia seria hoje o que realmente é: uma anarquia. Os republicanos é que se enganaram, affirmando logo que a Russia entrava numa era de ouro pelo caminho da libertação. E se nós formos confrontar os depoimentos dos reaccionarios com os depoimentos dos republicanos, feitos ambos nos mesmos momentos de incerteza e de duvida, nós constataremos «estrondosamente» que os segundos não foram outra coisa que umas illusões mais transmitidas ao papel, por cima de milhares delas já cahidas e mortas...

Qual a razão desta disparidade?—E' que enquanto a Contra-Revolução possue um método experimental e com ele encara os problemas sociaes,—a Revolução possue um método, como dizer? *ideal*, que na vida pratica, no terra-á-terra de todos os dias, não póde servir sem que ruidosamente falhe...

Quero dizer: com o nosso método executa-se uma *verificação*; com o método republicano executa-se uma *previsão*; mas como dos factos que ocorrem nunca se poderá fazer uma *previsão* mas sim uma *verificação*,—segue-se que os republicanos, os democratas de todos os matises se enganaram nos seus juizos, enquanto que nós vemos os nossos constantemente confirmados..

II—A lição dos factos

Afastada por uma concussão da linha estructural da sua organisação politica,—a Russia teria fatalmente que cahir nas garras duma feroz anarquia.

Já vae longe o tempo em que se acreditava piamente na excelencia dos principios democraticos, quer applicados aos esquimós do polo quer aos pretos da Guiné, com escala por todas as raças e por todas as côres de gente... Verifica-se hoje, sem possivel sombra, sequer, de contestação, que cada povo cria pelo seu proprio genio o regimen politico por que se ha-de governar, e que, consequentemente qualquer regimen extranho que lhe queiram dar será sempre um elemento de desordem, de desorganisação social.

A lição dos factos evidencia-se pelos tempos fóra. E' dela que nós aprendemos a formular as nossas conclusões, cada vez que, como na Russia, o elemento estrangeiro se vem sobrepôr á estructura historica da Nacionalidade.

Nós temos em casa bons exemplos.

Primeiramente, com a Renascença, o absolutismo dum só, mais tarde, com o Liberalismo, o absolutismo de muitos, depois ainda, com o Republico, o predominio duma cligarquia desenfreada,—não serão exemplos frisantes?

Não foi com a instauração dessas tres modalidades politicas que sucessivamente nos foram retiradas todas as liberdades e garantias de que dispunhamos outr'ora.

Não foi ainda com a instauração da ultima das tres que a desordem se desenvolveu e atingiu o seu zenith?

III—A profecia de Fialho

Sim! a ordem em Portugal está socialmente alterada de ha muito tempo. A ordem publica desde 20 que vem sendo cada vez mais pervertida:—e não será a republica o ponto movimo a que poderá subir essa alteração da ordem?

Nós afirmamos que sim. Afastados que fomos da estructura historica da nossa Nacionalidade, nós temos hoje que nos vermos a braços com uma aterradora crise organica.

Não são, porém, as panacéias democraticas, os geometrismos politicos dos homens da Revolução que nos poderão vir salvar, depois de nos terem arrastado á beira do abismo. O que nos poderá salvar é o regresso ás nossas instituições tradicionaes, á monarquia anti-parlamentar, descentralisadora e consequentemente «liberal», que o genio portuguez criou e que, unida á cruz de Cristo nos elevou ás culminancias da civilisação...

A obra nefasta, a mentira grosseirissima da «Liberdade» estão-se revelando magnificamente na Russia, onde se passou do autocratismo severo de um homem para a ferocidade brutal de uma multidão, já de si propensa para os delirios duma imaginação vaga, e depois iniciada nas ideologias perversas da Revolução Franceza.

«...Afinal, ainda existe a Russia?»—pergunta a «Manhã».—Não, respondemos nós: A Russia só foi a Russia emquanto nela prevaleceu um espirito d'ordem e de disciplina, garantido pela existencia dum Imperador que, para fazer a sua felicidade, necessitava fazer feliz a Nação que governava.

Derribado o Imperio, desterrado ou assassinado o Imperador, a Russia não é mais a Russia: é um aglomerado de multidões desvairadas, bebedas de sangue, com sede de vinganças e de represalias, onde os odios se entrechocam e ferem.

Marcel Sembat escreveu algures que as democracias tendem a substituir as lutas externas de expansão pelas lutas internas de partido. A verdade formulada por este republicano está dando desgraçadas provas na Russia. A Russia agoniza, a Russia desfaz-se, a Russia pulveriza-se,—se não sobe novamente acima de todas as paixões agitadas, de todos os odios entrechocados, de todos os instintos ferozes postos á vontade, a força energica do Imperio, a vontade potente dum Imperador.

Taes são os effeitos da «Liberdade», da «Egualdade» e da «Fraternidade» em qualquer parte onde conseguem inocular-se e mover-se. Nós temo-las em Portugal, consubstanciadas na mascarada duma republica conservadora. E em face da lição da Russia, não nos esqueçamos de evitar que o povo, farto de ser calcado, grite para lá da fronteira a profecia que Fialho lhe emprestou.

—Livrae-me dest' canalha que me faz odiosa a Liberdade, que em troca aqui vos ofereço a minha servidão!

Augusto da Costa.